ANO I — N.º 32 — DOMINGO, 17 DE MARÇO DE 1940 — NÚMERO AVULSO $50

Correio de Nisa

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA
Director — ABEL MONTEIRO

...dade da Direcção / Editor: João da Cruz Rosa / Impressão: Tipografia Castelovidense, Castelo de Vide / Redacção e Administração: Praça da República, N.º 2 — NISA

...ejas Facínoras

Dum «Constante Leitor» recebemos a carta que se segue e que é utilíssimo dar à estampa:

...guerra é, indiscutivelmente, a calamidade que ...vidas tem aniquilado ...velho mundo; é um ...o que deixa na sua ...gem rios de sangue e ...a cinzas as maiores ...es; monstro fantástico ...tira ao homem todo ...gresso, dando-lhe em ...um manto de luto e ...lôrça brutal que es... ...as nações e as deixa ...desordem e confusão ...s. O mais insensível ...omens ficou impressionado pelas atrocidades ...das nesta luta deshu... ...e sem lei que acaba ...var-se.

...grande fogueira que ...já extinta mas cujo ...do ainda está incan... ...te, receia-se, e com ...razão, que a mais ...viração possa de no... ...endiar o Mundo, a... ...a dos resultados efi... ...obtidos na ciência de ...mais e melhor, na ...ódas as nações têm ...do o maior empenho. ...repetir-se, seria a ...ção do Mundo num ...spaço de tempo. O ...parece não estar ...saciado de fogo e de ...derramado inútil... ...de atrofiar as artes, ...e a felicidade co... ...ada o detém na sua ...louca de vaidades e ... Pede algum po... ...rra? Para que existe ...ada?

...deixemos esta que ...repousa», e vamos ...surda composta ...exército enorme de ...eiros especuladores ...adores», que tu... ...lhem, compram e ...com lucros fantás... ...fazer fortunas «a ...» e que, a-pesar ...granadas nem ...de concentração, ...e deprime, ...considerá... ...de agentes de ...que reprimem ...a que são, ...distintos e im... ...perante uma tão ...legião de oportu... ...são tristemente ...gradas as suas ...deliciosamente ex... ...em jornais, ...nossas al... ...

...desiquili... ...que raste... ...ocorrem... ...com saú...

dades, aqueles bons tempos em que a trôco duns escudos se adquiria para tôda a semana a alimentação da família, isenta de falsificações, sem a incómoda bicha, sem o encontrão no talho, e sem o dito arrogante e desdenhoso daquele que nós, ingenuamente, enriquecemos.

Bons tempos êsses em que, podíamos, no fim de cada mês, efectuar o pagamento da prestação dum fato ou duns sapatos. Tempos de verdadeira paz de espírito e de respeito, em que o escrúpulo era ainda alguma coisa de valor, não permitindo que se vendesse água por leite, azeite preto, pão crú, manteiga de sebo, e quando a palavra amigo era sinónimo de afeição e estima. Este estado desordenado que se vai tornando intolerável pela abundância de açambarcadores, pela falta de géneros e pelo seu custo astronómico, não mostra tendencias, por enquanto, a trazer-nos melhores dias; antes, vai triunfante da sua rota projectando tôdas as artimanhas que um cérebro mau pode idealisar e uma alma depravada exercer.

Para simbolizar o estôfo moral dêstes nocivos oportunistas que precisam duma recompensa condigna aos seus actos como nós precisamos de arroz e bacalhau, citamos a seguinte notícia do jornal «Diário de Notícias»:

Um mixordeiro do norte foi prêso e multado por vender água por café; pôsto, tempos depois, em liberdade, não tardou a exercer de novo a sua rendosa indústria, agora, porém, não era café; era terra mais clara metida em pacotes rectangulares e na embalagem rica e atraente lia-se em letras coloridas: «O melhor cacau de Timor»

Como vos assemelho aos responsáveis da guerra mundial, partidários da guerra surda! Uma diferença, porém existe: enquanto aqueles estão respondendo pelos seus actos no tribunal de Nuremberga, êstes passiam nos seus luxuosos e confortáveis automóveis, com tôdas as regalias e direitos, como qualquer cidadão honesto.

Gazetilha

Parabens aos amadores da «Julieta e Romeu»! «Cada um dá o que é seu»; e por isso os bons actores foram na pêça «doutores», pois que fizeram sentir francos de graça, a sorrir, tôda a tragédia, de geito que até lá houve sugeito que ia morrendo a rir...

SUMATRA DE LEMOS

JUIZ DE DIREITO

Tomou posse, no dia 1 de Março, do lugar de Juiz da Comarca de Nisa, o Ex.mo Sr. Dr. José Alves Pacheco, transferido recentemente dos Açores. A posse foi-lhe conferida pelo Sr. Dr. Carlos Bento Pestana, Juiz Substituto e Conservador do Registo Predial.

Ao novo Magistrado apresenta o «Correio de Nisa» cordiais e respeitosos cumprimentos.

ÊSTE NÚMERO DO «CORREIO DE NISA» FOI VISADO PELO CENSOR DO DISTRITO.

Tribuna Livre

Gallieni e Lyantey

Dois nomes ilustres, duas figuras primaciais de militares de França entradas há pouco na História, dois exemplos de quanto vale a tenacidade esclarecida, ambos com a escola das colónias que dá tempera aos caracteres.

***

Gallieni, governador militar de Paris durante a outra guerra, terminou a sua brilhante carreira despejando a enorme capital de automóveis para ensiar a Joffre os efectivos que lhe permitiram sustar os alemães no vale do Marne, no comêço de Setembro de 1914, primeiro passo decisivo para a victória de 1918.

Durante uma refréga com o inimigo, creio que no Senegal, pôz-se a ler versos de Vigny. Como se admirassem à sua volta, respondeu: — Já dei as minhas ordens. Para que hei-de fatigar mais o espírito?

Segundo o que acontecer, se verá o que mais há a fazêr. Que admirável exemplo de segurança e de sangue frio!

***

Lyantey, depois de curta passagem pelo ministério da Guerra entre 1914 e 1918 — o seu temperamento positivo não era de molde a adaptar-se à política nem à burocracia — acabou a sua refazendo Marrócos, onde compreendeu esplendidamente quanto vale a colonização por meios pacíficos e persuasivos.

E' sua a seguinte frase: — Prefiro que me mandem um médico em vêz de um batalhão!

Claude Farrère descreveu em «Les hommes nouveaux», com a maestria que lhe é particular, os pioneiros da moderna epopeia marroquina.

Recebendo um dia uma missão que visitava a sua obra em Marrocos, Lyantey foi assaltado pelas interrogações de um repórter — e Deus sabe se as mulheres reporters são ainda mais indiscretas, se é possível, que os seus congéneres masculinos:

— O Sr. Marechal leva tudo à conta da técnica! Os portos, as vias de comunicação, os edifícios, a assistência são, a ouvi-lo falar, a obra dos engenheiros, dos arquitetos, dos médicos e dos higienistas! Afinal, o que faz o Sr. Marechal aqui? Conta A. Maurois, no livro que dedicou a Lyantey, que o Marechal respondeu, torcendo o bigôte, com um sorriso um pouco irónico:

— Eu, minha Senhôra!... eu sou o técnico das ideias gerais.

Ocupando um comando no Ultramar, Gallieni teve por vezes contrariedades, o que não era difícil, com o Ministério da Guerra. Um dia enviou para a rua Oudinot um telegrama em que escrevêra estas palavras: «Peço a demissão do meu cargo» E disse para o seu adjunto Lyantey: «Vae vêr, isto é remédio santo». E pouco depois recebia satisfação. Passado tempo mêzes ou anos, no Tonquim ou em Madagascar, Lyantey servia sob as ordens de

(Conclui na página 4)

O FADO

não é a canção nacional

Pelo Eng.º PEREZ DURÃO

II

Se se tratasse de uma preferência pessoal não voltaria hoje a assunto já tão debatido. Seria um capricho, uma impertinência, mas trata-se de uma verdade com os seus fundos históricos acentuados e que a nossa vontade não é suficiente para modificar.

Se vivessemos só pelos sentimentos emotivos — dos bons e dos maus — e a inteligência, o raciocínio, a razão, não tivessem o maior lugar na vida dos povos, exaltando o que o sentir, o coração, digamos melhor, os instinctos, podem produzir de bom e de elevado, e reprimindo o que êles podem dar de mau, de baixo, de perigoso, não vemos como teria sido possível sairmos do primeiro cáos de puro instincto animal.

Que o *fado* fala aos sentidos, que o *fado* corresponde a determinados estados de alma, como negá-lo? Mas, é precisamente dessa influência nefasta que é necessário fugir.

Nem sempre o que melhor paladar tem é o mais conveniente, nem sempre o que mais encanta é o mais verdadeiro ou real, nem sempre o mais belo corpo encerra a mais bela alma.

O *fado* não é a *canção nacional*, o *fado* não é a *nossa música*, o *fado* é a *canção dos vencidos*, como alguém já lhe chamou; e não somos nós que assim o ordenamos, é a própria essência do *fado* na sua origem e na sua relação com a nossa vida psíquica. É, quanto muito dissemos já, *uma* canção nacional!

Percorrendo Portugal de lés a lés, não como quem folheia um lindo album de vistas, mas vivendo com as suas gentes e sentindo-lhes o palpitar da vida nas horas negras de desânimo e nas horas vivas e pujantes de fé e de alegria sã, pelas aldeias das ásperas serranias, pelos lugares das calmas planícies, pelos vales umbrosos dos seus rios, pelos povoados das costas batidas do mar rijo, vivendo com essas gentes numa comunhão tôda feita de igual sentir, em que é nossa também a mágoa pelo João que parte para o Brasil, a dôr pela Maria-coldadinha — que se fina de mal de peito, a tristeza pelos maus negócios do Tio Zé da Esquina, e nossa também a alegria pela estrada nova, pelo casamento do António da Azenha com a Angélica do Castelo — a moçoila mais catita do lugar — e nosso o hino ao mar que a todos trouxe a abundân-

Continua na pág. 2